

PERCEPÇÕES DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I DA REDE MUNICIPAL DE CRICIÚMA/SC SOBRE O FENÔMENO *BULLYING*

PERCEPTIONS OF STUDENTS FROM THE BASIC SCHOOL SYSTEM OF CRICIÚMA –SC ABOUT BULLYING PHENOMENON

Julia Souza Cesconetto Pereira ¹

Everson Ney Hüttner Castro ²

RESUMO: A presente pesquisa teve como objetivo geral analisar as percepções dos alunos do ensino fundamental I da rede municipal de ensino de Criciúma/SC sobre o fenômeno *bullying*. Teve-se como objetivos específicos: identificar o entendimento das crianças sobre o fenômeno *bullying*; perceber como se sentiram ao sofrer e/ou praticar *bullying*; verificar se as crianças percebem o *bullying* como algo presente dentro e fora da escola; investigar quais intervenções ocorreram no ato de *bullying* relatado pelas crianças. Foi realizada uma pesquisa de campo, em que foram entrevistadas cinco crianças do 5º ano do ensino fundamental, em duas escolas de rede municipal de Criciúma/SC, totalizando dez crianças. A metodologia desenvolvida teve característica qualitativa e exploratória. O instrumento de coleta de dados utilizado foi a entrevista semiestruturada. Os autores utilizados foram: Beaudoin; Taylor (2006), Camargo (2013), Chalita (2008), Felizardo (2013), Gil (1991), Luiz Flávio Gomes (2013), Marcelo Magalhães Gomes (2013), Middleton-Moz; Zawadski (2007), Pinheiros (2010), Quintanilha (2011), Segundo; Speranza (2013), Vaz (2013), Zaine; Reis; Padovani (2010). Conclui-se que a maioria dos estudantes entrevistados sabe o que é *bullying*, porém apresentam um conceito restrito do tema investigado por limitar o fenômeno *bullying* às situações de agressão física e verbal, desconsiderando, por exemplo, as possibilidades do *bullying* virtual. Percebeu-se, também, que a maioria dos pesquisados situam a existência do *bullying* em relação aos fatos cometidos contra a sua pessoa, não se situando como possíveis agentes do fenômeno, o que demonstra uma percepção parcial do tema em foco.

PALAVRAS CHAVE: *Bullying*. Violência. Escola.

ABSTRACT: This research has as general objective to analyze the perceptions of students in the elementary school in the municipal Criciúma teaching about *bullying* phenomenon. We had as specific objectives: to identify the understanding of children about *bullying* phenomenon; notice how they felt to suffer and / or practice *bullying*; check if children perceive *bullying* as something present inside and outside the school; investigate which interventions occurred in the *bullying* act reported by children. A field survey was conducted, in which five children were interviewed in the 5th grade of elementary school in two

¹ Acadêmica da 8ª fase do curso de Pedagogia/Unesc. Email: ju__cesconetto@hotmail.com.

² Pedagogo e Especialista em Educação - Orientação Educacional. Email: everson.castro@hotmail.com.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 1, nº1, janeiro/junho 2017.– Curso de Pedagogia– UNESC

municipal schools in Criciúma / SC, totaling ten children. The methodology was qualitative and exploratory character. The data collection instrument used was a semi-structured interview. The authors used were: Beaudoin; Taylor (2006), Carmargo (2013), Chalita (2008), Felizardo (2013), Gil (1991), Luiz Flávio Gomes (2013), Marcelo Magalhães Gomes (2013), Middleton-Moz; Zawadski (2007), Pinheiros (2010), Quintanilha (2011), Segundo; Speranza (2013), Vaz (2013), Zaine; Reis; Padovani (2010). It is concluded that most respondents students know what *bullying* is, however have a limited concept of the subject investigated by limiting the *bullying* phenomenon to situations of physical and verbal aggression, ignoring, for example, the possibilities of virtual *bullying*. It was noticed, too, that the majority of respondents situate the existence of *bullying* in relation to acts committed against him, not situating as possible agents of the phenomenon, which shows a partial perception of the theme in focus.

KEYWORDS: *Bullying*. Violence. School.

1 INTRODUÇÃO

Este tema foi escolhido por se tratar de um fenômeno muito presente no cotidiano, tendo em vista que está sendo discutido atualmente nas diversas mídias, rádios, televisões, e, por ser uma questão muito polêmica na sociedade atual, o mesmo foi debatido no curso de Pedagogia nas disciplinas de Políticas Normas da Educação Básica e Fundamentos e Metodologias da Educação Especial. A primeira aborda o direito da criança ao respeito. A segunda defende que a criança possui o direito de ser incluída na sociedade, escola, entre colegas e professores, e, por esse motivo, a escola precisa trabalhar a questão da inclusão, com familiares e professores, alunos e comunidade.

Em meu estágio dos anos iniciais, pude observar uma situação de exclusão social, no momento do intervalo, quando as crianças estavam brincando, uma menina veio até mim dizendo que as outras meninas não queriam brincar com ela. Mas, não foi possível definir se foi um ato de *bullying*, pelo fato de eu não ter presenciado outras repetições dessa mesma situação, por conta do tempo de duração do meu estágio, o que gerou o desejo de investigar essa temática.

No dia 6 de novembro de 2015, houve a promulgação da Lei Federal nº 13.185 que combate o *bullying*. Esta define *bullying* como sendo "todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 1, nº1, janeiro/junho 2017.– Curso de Pedagogia– UNESC

indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas". Nesse sentido, a lei proporciona proteção e segurança aos agredidos, e, através dela, os mesmos podem se sentir protegidos para denunciar sem medo e sem receio.

Nesse sentido, percebe-se que a escola deve discutir o assunto oportunizando aos estudantes a liberdade de conversar e desabafar sobre uma situação em que já vivenciaram/iam ou presenciaram/iam, oportunizando para as crianças exporem os seus sentimentos.

O Curso da Pedagogia possui Trabalhos de Conclusão de Curso que tratam do assunto do *bullying*, os quais destacamos: *Bullying* e aprendizagem: desafios e possibilidades no ambiente escolar, realizado em 2009 pela acadêmica Talita Neoti Favaro. A influência do fenômeno *bullying* na aprendizagem na visão de pais e professores, realizado no ano de 2008 pela acadêmica Samira Gomes Milak. Fenômeno *bullying* e o desafio no trabalho pedagógico realizado em 2009 pela acadêmica Raline da Silva Redivo. Apesar desses trabalhos de conclusão de curso tratarem do mesmo tema, o assunto que proponho estudar está direcionado à outra perspectiva, ou seja, a opinião dos alunos sobre o assunto *bullying*.

O problema investigado na pesquisa foi o entendimento das crianças do 5º ano do ensino fundamental I sobre o fenômeno *bullying*. Têm-se como objetivo geral analisar as percepções das crianças do 5º ano do ensino fundamental I da rede municipal de Criciúma/SC sobre o fenômeno *bullying*. Os objetivos específicos foram definidos como: identificar o entendimento das crianças sobre o fenômeno *bullying*; perceber como se sentiram ao sofrer e/ou praticar *bullying*; verificar se as crianças percebem o *bullying* como algo presente dentro e fora da escola; investigar quais intervenções ocorreram no ato de *bullying* relatado pelas crianças.

As questões norteadoras que orientaram o estudo foram: as crianças sabem o que é *bullying*? As mesmas já sofreram e/ou praticaram o *bullying*? Qual o motivo que gerou o *bullying* relatado pelas crianças? Como se sentiram as crianças após sofrerem e/ou praticarem o *bullying*? As crianças vivenciaram alguma intervenção de um professor ou familiar durante uma prática de *bullying*? As crianças já interviram em alguma situação envolvendo *bullying*?

O presente estudo está ligado a linha de pesquisa teoria e prática pedagógica, com

eixo temático em currículo e sociedade.

2 O BULLYING

O *bullying* é um fenômeno que sempre esteve presente na sociedade, mas o seu registro foi realizado recentemente. O pesquisador e professor Don Olweu realizou estudos sobre *bullying* na Universidade de Bergen-Noruega durante o período de 1978 até 1993. Porém, o governo Norueguês demorou um tempo para dar a devida atenção para o assunto em questão, conforme Quintanilha (2011, p. 36)

O governo Norueguês atentou seu olhar para essa violência institucional apenas após o suicídio de três crianças entre 10 a 14 anos, que provavelmente foi influenciado por atos de maus tratos dos colegas. A partir desse fato, a autoridade norueguesa, pressionada pela população, realizou em escola nacional a Campanha Anti-*bullying* nas escolas em 1993.

O pesquisador citado realizou seu estudo com estudantes e professores por meio de um questionário, com o objetivo de analisar as situações em que crianças e adolescentes se apresentam, fosse como vítimas ou agressoras.

No Brasil, a ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência) realizou estudos com relação ao tema em pauta. Conforme Quintanilha (2011, p.37-38)

Nesta pesquisa foram ouvidos 5.800 alunos de instituições cariocas, duas particulares e nove públicas, de 5ª a 8ª série do antigo ensino fundamental. Desse total, 40,5% dos estudantes admitiram que estiveram diretamente envolvidos em atos de *bullying* em 2002, sendo que 16,9% se identificaram como alvos, 38 12,7% como autores e 10,9% autores e alvos. Os outros 57,5% negaram ter participado de situações de *bullying*.

Entretanto, o *bullying* é algo que tem sido discutido há pouco tempo, havendo carência de materiais oficiais que relatem o surgimento e o desenvolvimento dessa discussão no Brasil.

Desta maneira, é necessário que o tema seja mais discutido no Brasil e que seja tratado com maior seriedade pela sociedade. Sendo assim, é de suma importância compreender a definição do tema *bullying*, pois através dessa compreensão é possível que o problema seja visualizado com maior importância, buscando interrompê-lo.

2.1 Definição de *bullying*

O fenômeno *bullying* é conhecido por ser um ato de violência praticado de várias maneiras, seja por empurrões, apelidos, exclusões, etc. Conforme Chalita (2008, p.82) "O *bullying* é um comportamento ofensivo, aviltante, humilhante, que desmoraliza de maneira repetida, com ataques violentos, cruéis e maliciosos, sejam físicos, sejam psicológicos".

O *bullying* pode ser visto em muitas situações: na escola, no local de trabalho, em relacionamentos, dentro da própria família, etc. Quando o ato se inicia, se não tiver a intervenção de outra pessoa ou instituição, o agressor tende a evoluir os seus atos.

As vítimas do *bullying* geralmente são quietas, tímidas e tem poucos amigos. Possuem dificuldades em se adaptar a ambientes sociais, por conta da insegurança e baixa autoestima. Algumas das vítimas possuem capacidade de reagir de algum modo ao sofrer um momento de *bullying*, mas muitas podem não expressar reação alguma, apenas vivenciando o momento torturante que estão passando em determinado momento, e isto faz com que os agressores se sintam ainda mais no poder. Nesse caso, estas vítimas são consideradas passivas, por não apresentarem reação e não saberem se defender (ZAINE, REIS, PADOVANI, 2010).

Por outro lado, há a existência de vítimas desatentas e agressivas, são desconfiadas de que serão atormentadas a qualquer instante, a todo momento preparam a sua autodefesa para encarar os seus torturadores. As vítimas que apresentam reação ao vivenciar um ato de *bullying*, são consideradas auto provocativas, estas procuram um meio para se defender (ZAINE, REIS, PADOVANI, 2010).

Por haver diferentes estilos de vítimas, com diferentes reações, os agressores reconhecem seus alvos por suas características comportamentais, por isso, sempre encontrarão a maneira de atingi-los conforme o seu interesse, pois se a vítima apresentar comportamentos que não apresentam reações, o *bullies* realizará uma atitude, mas se a vítima apresentar

alguma reação, algum meio de se defender, o agressor apresentará outra atitude.

O *bullying* pode ser iniciado a partir da infância, no momento em que crianças se divertem ao fazer gracinhas com outras, tornando o *bullying* aleatório. O agressor começa a sua ação na infância, por meio de brincadeiras, mas sua continuidade se transforma em agressão e humilhação. Conforme Middleton-Moz e Zawadski (2007, p.21) "Na juventude e na idade adulta, os alvos são escolhidos. Os bullies sempre encontrarão alguma coisa de seu interesse em uma pessoa: ser gorda demais, magra demais, usar óculos [...]".

O agressor pratica o ato de *bullying* por convencer-se de possuir auto poder, por este fato, o *bullying* satisfaz o desejo do agressor, pois o ato se faz repetitivo, voltado para uma pessoa. Deste modo, o ato praticado revela no agressor um certo grau de superioridade, conforme Vaz (2013, p.13) "O agressor, em regra, é o sujeito que tem necessidade de aparecer, de liderar e utilizar a força física ou o assédio psicológico para se impor como líder". Sendo assim, há várias maneiras do agressor configurar a violência contra os demais.

Porém, da mesma maneira que o agressor adquire esse convencimento de auto-poder, o mesmo pode se desiludir desta falsa crença, a partir do momento que alguém toma uma iniciativa que interfira na realização do ato, pois os agressores têm medo de enfrentar suas próprias inseguranças, por meio de confrontação e que sejam forçados a responder por seus comportamentos e consequências deles. Mas, se não houver confrontação, os mesmos tornam suas práticas melhores com o passar do tempo (MIDDLETON-MOZ; ZAWADSKI, 2007). Havendo esta falta de confrontação, o agressor adquire maior poder, e, desta maneira, é possível distinguir os tipos de *bullying* realizado pelo mesmo, percebendo quais atos ele pratica e quais as suas consequências.

Tendo por base Chalita (2008), existem dois tipos de *bullying*: no primeiro, o agressor está de frente para o agredido, realizando o ato de humilhação para o mesmo. No segundo, o agressor não está necessariamente junto ao agredido, mas humilha-o sem que o saiba, armando situações e boatos que exponha a vítima ao ridículo. São denominados *bullying* direto e *bullying* indireto. O *bullying* direto é mais comum entre meninos, estes apresentam agressões físicas como tapas, chutes, empurrões e agressões verbais como xingamentos e apelidos ofensivos. O *bullying* indireto está voltado para outros tipos de participantes:

O *bullying* indireto é a forma mais comum entre o sexo feminino e crianças menores. Caracteriza-se basicamente por ações que levam a vítima ao isolamento social. As estratégias utilizadas são difamações, boatos cruéis, intrigas e fofocas, rumores degradantes sobre a vítima e familiares, entre outros. (CHALITA, 2008, P. 83).

Além desses dois tipos de *bullying*, há a existência de um outro tipo, conhecido como cyberbullying, já que as redes sociais acabam por possibilitar a prática do ato de *bullying*. A internet tem se tornado cada vez mais liberada para o uso de crianças e adolescentes, não havendo controle de limite de uso, a mesma se tornou um meio para que o agressor realize o ato de *bullying* inclusive de maneira anônima, sem que saibam que ele é quem praticou o ato. Para Segundo e Speranza (2014, p. 221)

Trata-se de um ato de extrema covardia. Aliás, de todas as formas de *bullying*, o cyberbullying se apresenta como a mais covarde, pois, enquanto nas demais práticas de *bullying*, o agressor mostra quem é, nesta, o agressor virtual utiliza de instrumento apto a tornar a prática uma verdadeira incógnita[...].

A internet tem gerado um paradoxo, pois ao mesmo tempo que é um instrumento útil e necessário à modernidade, tem trazido problemas pelo fato de seu uso ser liberado para todas as faixas etárias, sem supervisão de adultos ou instituições e sem limites de uso.

Através de todos os problemas causados pelo *bullying*, é perceptível a necessidade da criança ser protegida. Dessa maneira, é necessário situar a legislação relacionada ao *bullying*, pois esta defende o direito da criança de ser protegida e respeitada.

2.2 Legislação do bullying

As crianças possuem necessidades que precisam ser supridas e estas são visualizadas e protegidas na legislação brasileira contemporânea. A legislação prevê que as crianças tem o direito de serem respeitadas, assim como todas as pessoas em sociedade.

O artigo 227 da Constituição Federal de 1988 assegura e prioriza às crianças e aos adolescentes o resguardo aos direitos fundamentais determinando que "É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 1, nº1, janeiro/junho 2017.– Curso de Pedagogia– UNESC

dignidade, ao respeito [...]." (JUSBRASIL, 1988).

Importa salientar, ainda, que o Estatuto da Criança e do Adolescente, além de resguardar o direito à identidade e ao respeito, prevê que são penalmente inimputáveis os menores de dezoito anos de idade, situação essa referenciada pelo Código Civil Brasileiro ao determinar que os indivíduos menores de dezesseis anos são protegidos pela não punição de seus atos por serem considerados absolutamente incapazes, enquanto que, adolescentes entre dezesseis e dezoito anos de idade, são relativamente incapazes. Dessa forma, a punição pelas infrações cometidas por pessoas menores de dezoito anos será dada para a pessoa com mais de dezoito anos de idade, ou seja, ao responsável legal pelo menor causador de um ato de *bullying* (VAZ, 2013).

Entretanto, para que o praticante de *bullying* seja responsabilizado, a vítima precisa informá-lo à autoridade competente. Vaz (2013, p. 20-21) alerta que,

Independentemente de o agressor ser pessoa capaz, a vítima deverá dar ciência do *bullying* para a instituição de ensino que, da mesma forma quando o ato é praticado por pessoa incapaz, terá a obrigação de tomar medidas para que a prática do *bullying* deixe de ocorrer. Caso a instituição opte por quedar-se inerte, também será responsável pela reparação do dano causado à vítima.

O fenômeno *bullying* é muito presente em estabelecimentos de ensino público e privado, desde à infância até a adolescência e a vida adulta. Desta maneira, a vítima de *bullying* pode enfrentar na escola e, posteriormente, ao longo de sua vida as mais variadas consequências, levando para a vida adulta marcas profundas, necessitando de apoio psicológico e/ou psiquiátrico para superar seus traumas (MAGALHÃES GOMES, 2013).

Mesmo existindo legislação com relação ao *bullying*, esta não é capaz de garantir a segurança da criança e do adolescente por si só, ela requer um apoio de múltiplas partes, ou seja, essa segurança deve ser buscada em conjunto, por se tratar de um assunto que vem trazendo vários problemas, conforme Gomes (2013, p. 26) "Estamos diante de um problema social muito grave, que está a requerer a intervenção de muitos profissionais (soluções multidisciplinares). [...] para que a mediação possa dar uma enorme contribuição, buscando uma solução para cada problema [...]".

Uma contribuição existente trazida pela Justiça Restaurativa é o Círculo Restaurativo, que é um encontro que tem como objetivo amenizar um conflito, trazendo

benefícios para os envolvidos, auxiliando-os a amenizarem seus sentimentos ruins, seus ressentimentos, suas preocupações, através do desabafo, expressando os seus sentimentos (FELIZARDO, 2013).

Outra contribuição trazida para a amenização do *bullying* é a Cultura de paz, que apresenta programas construídos pelo incentivo da Unesco. Estes programas possuem como objetivo minimizar a violência, considerando a educação e os direitos humanos.

Felizardo (2013, p. 73) salienta que

A educação, em todos os níveis, é um dos meios fundamentais para construir uma cultura de paz. Neste contexto, a educação sobre direitos humanos é de particular relevância, aderindo aos princípios de liberdade, justiça, democracia, tolerância, solidariedade, cooperação, pluralismo, diversidade cultural, diálogo e entendimento em todos os níveis da sociedade.

Os referidos programas organizados com o objetivo de amenizar o *bullying* também protegem as vítimas do *cyberbullying* em função de humilhações, piadas, postagens de fotos, pela internet.

Outro elemento importante a ser destacado é o nome que identifica cada pessoa na sociedade. O nome é um dos fatores mais marcantes na vida de uma pessoa, por isso, existe a Lei de Registros Públicos, que aceita a mudança do nome de uma pessoa quando esse gera sofrimento ou trauma para a mesma. Nesse sentido "Não se escolhe o nome ao nascer, poder atribuído aos pais, ou até terceiros, se forem estes declarantes. Mas não se pode condenar alguém a suportar para sempre um nome com o qual não se adapta, com o qual não se afina." (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2013). Deste modo, os pais, ao dar um nome para seu filho, precisam estar cientes do quanto o mesmo irá influenciar no bem estar dele.

Mas a violência pode ser estar dentro da família, praticada pelos pais ou parentes próximos, sendo física ou psicológica. Muitas crianças que são autoras do *bullying* vivem em ambientes em que há a existência de agressão física ou verbal, praticado pelos pais ou familiares, pois (PINHEIRO; WILLIAMS, 2009, p. 997)

Em relação ao ambiente familiar, pesquisas indicam que os alunos que são autores de *bullying* na escola, em sua maioria, provêm de lares onde há utilização de violência física como forma de disciplina, a família é descrita como hostil e

permissiva, tem poucas habilidades de resolução de conflitos e ensina suas crianças a revidarem à mínima provocação.

Além das violências citadas, um local onde ocorrem muitos casos de *bullying* é na escola, por isso, é necessário haver uma atenção maior dentro das instituições de ensino para o assunto em questão.

2.3 Bullying na escola

A presença do fenômeno *bullying* é muito comum na escola, pois esta é o ambiente em que se encontram muitas crianças e pré-adolescentes e, geralmente, são essas modalidades de alunos os que mais praticam o ato uns com os outros. O ambiente escolar é o espaço em que se encontram vários alunos, cada um com suas diferenças. A escola, conforme Camargo (2013, p. 75) "É um local de inúmeros conflitos. Crianças e adolescentes encontram-se, cada qual com sua formação cultural, com valores e os costumes familiares apreendidos, com tipos diferentes de educação recebidos, e lá, na escola, devem conviver [...]."

O desrespeito gerado pelo *bullying* tem se tornado cada vez mais frequente entre os alunos e algumas causas destes desrespeitos estão ligados as diferenças individuais e sociais, no que diz respeito ao estar dentro de um padrão ou não, desejo de competição, etc. As diferenças estão presentes no preconceito racial, no aluno que é inteligente demais e muito participativo nas aulas, os alunos que tem muita dificuldade, etc.

Há a exclusão de alunos considerados fora do padrão adequado e os bullies praticam violência física e verbal aos seus colegas considerados fora do padrão e, desta maneira, as vítimas, por causa desses sofrimentos, se sentem desestimuladas à ir para a escola. Chalita (2008, p. 88) alerta que,

Do baixo rendimento escolar à resistência para ir à escola, os efeitos pioram na medida em que a intensidade e a regularidade das agressões vão evoluindo e se agravando. Os sintomas começam a se misturar com um forte desejo de autodestruição, de momentos de explosão e de vingança. Há jovens que, dominados por extrema depressão, acabam tentando ou cometendo suicídio.

Outra causa que gera o *bullying* é a competição, os alunos que querem ser melhor do que o outro, em vários aspectos. Geralmente, esses apresentam atitudes egoístas, se

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 1, nº1, janeiro/junho 2017.– Curso de Pedagogia– UNESC

preocupam apenas consigo e não se importam com os outros colegas. O professor tem se representado como figura de apoio para a existência do espírito competitivo entre alunos. Ao longo do dia, os professores emitem um número significativo de comentários competitivos sem que jamais tenham consciência das implicações que estão por trás destes. Por exemplo, é comum os professores apresentarem os seguintes enunciados em tom de competição: quem terminar a limpeza primeiro vai me ajudar com o lanche, quais de vocês serão os primeiros a entregar o dever de casa? (BEAUDOIN; TAYLOR, 2006).

Geralmente, a reação dos meninos e das meninas é diferente em relação ao *bullying*. O *bullying* entre meninos acontece de maneira que, os que sofrem, geralmente são por meio de tapas, ou apelidos ofensivos. Por isso, os meninos tendem a seguir um padrão para serem aceitos, conforme Middelton-Moz e Zawadski (2007, p.22-23)

Os meninos vivem com medo de não cumprir as regras não-ditas do pertencimento: atitude bacana, não demonstrar sentimentos, fazer o tipo valentão ou machão, exercer *bullying* ou ser alvo dele, ser bom em esportes, não parecer sensível demais ou 'intelectual', ter boa aparência e nunca chorar, nunca pedir ajuda nem parecer ser próximo demais da própria mãe.

Desta maneira, percebe-se que as diferenças comportamentais entre meninos e meninas diferem também no ato de *bullying*, pois uns reagem o ato de forma diferente dos outros. O *bullying* entre meninas acontece de maneira diferente à dos meninos, a não ser o fato de que há a exigência de um padrão que deve ser seguido. Mas a diferença está na maneira em que o ato é realizado, as meninas exercem o *bullying* espalhando boatos maliciosos, intimidando (sussurrando insultos ou rindo em grupo, alto o suficiente para que seus alvos escutem), destruindo a reputação de outra, dizendo a outras para que deixem de gostar de uma menina de quem querem se vingar. Elas usam a exclusão social como principal arma, em lugar da agressão física direta, embora estudos indiquem que também elas têm se tornado cada vez mais agressivas fisicamente na última década (MIDDELTON-MOZ; ZAWADSKI, 2007).

Através de um diálogo entre professor e aluno, há a possibilidade do problema do *bullying* ser tratada com maior seriedade pelos alunos, por isso, o professor tem grande marco para essa possível mudança positiva, conforme Beudoin e Taylor (2006, p. 30) "[...] educadores que tenham uma mentalidade flexível em relação à relativa apropriabilidade Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 1, nº1, janeiro/junho 2017.– Curso de Pedagogia– UNESC

dessas práticas educacionais terão condições de adaptá-las a fim de revelar as melhores qualidades de seus alunos em diversos ambientes educacionais."

Os alunos sentem a necessidade de serem ouvidos, mas não estão recebendo a devida atenção e, por este fato, o problema causado pelo *bullying* tem se tornado com passar do tempo mais difícil de ser amenizado, e a situação se encontra cada vez mais grave, pois há a carência de adultos em busca do tratamento dos problemas gerados pelo *bullying* e, desse modo, os sofrimentos das vítimas tem se agravado.

Chalita (2008, p.97) destaca que

O compromisso de educar na escola, na família ou em qualquer ambiente de convivência, além de ético pela natureza da ação, precisa ser afetuoso para acolher agressores, vítimas e espectadores, caso contrário será reprodutor da intolerância. Livrar-se da agressão, e não do agressor, deve ser o propósito de todos nós.

A família precisa estar ciente da vida escolar dos filhos, muitos pais são ausentes e nem imaginam o sofrimento em que os filhos se encontram dentro do ambiente escolar. Mas pode haver casos em que os pais saibam da situação, os filhos desabafam para os mesmos, mas estes não dão valor para a gravidade da situação em que os filhos se encontram, fazendo pouco caso, dando apenas respostas simples como: não dê bola, ignore-o. De acordo com Middleton-Moz e Zawadski (2007, p.14) "[...] desconsideram seus sentimentos com atitudes como" isso já aconteceu a todos nós, simplesmente ignore" [...] para muitos, o *bullying* se tornou tão normal no tecido da vida cotidiana que fingem não o ver, tendo-se tornado insensíveis a seus efeitos devastadores."

Desta maneira, nota-se o quanto os sofrendores de *bullying* carecem do apoio dos pais e educadores, pois muitos destes não sabem da situação em os estudantes se encontram, e muitos que sabem, não dão a devida atenção necessária para o problema vivenciado pelos filhos ou estudantes.

3 METODOLOGIA, APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

O presente trabalho de pesquisa procurou abordar o tema *bullying* pelo olhar das crianças do 5º ano do ensino fundamental que vivenciaram esta situação. A pesquisa foi desenvolvida em caráter qualitativo, pois, "caracteriza-se pela tentativa de uma compreensão

detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelo entrevistado” (PINHEIRO, 2010, p. 20), ou seja, nesta pesquisa foi buscado o entendimento de como as crianças percebem o fenômeno *bullying* no cotidiano escolar.

Esta pesquisa caracteriza-se quanto ao objetivo como exploratória. Segundo Pinheiro (2010, p. 21), a pesquisa exploratória:

possibilita ao pesquisador aumentar sua experiência em torno de determinado problema. Assim o pesquisador planeja um estudo exploratório para encontrar elementos necessários que lhe permitam, em contato com determinada população, obter resultados que deseja. Um estudo exploratório, por outro lado, pode servir para levantar possíveis problemas de pesquisa.

O campo de investigação envolveu duas escolas de ensino fundamental I da rede municipal de Criciúma/SC. Os sujeitos envolvidos foram cinco crianças do 5º ano de cada escola, totalizando o total de dez investigados. A escolha por educandos que frequentassem o 5º ano do ensino fundamental deu-se por acreditarmos que teriam melhores condições de expressar em suas experiências e sentimentos em relação ao tema abordado. Para realização da coleta de dados elaboramos e encaminhamos para que fosse assinado o termo de consentimento para as direções das escolas, as professoras regentes da turma e para os pais dos educandos entrevistados. A escolha dos educandos ocorreu por indicação das diretoras das unidades, uma vez que essas saberiam dizer quais as crianças do 5º ano que sofriam e/ou praticavam o ato de *bullying* e, como houve mais de cinco estudantes indicados realizamos o sorteio para seleção dos investigados. Todos os pais dos educandos sorteados concordaram e assinaram o termo autorizando a participação no processo de investigação realizado.

O instrumento de coleta de dados utilizado foi entrevista semiestruturada, pois ao mesmo tempo que este tipo de entrevista apresenta questões elaboradas pelo entrevistador, a mesma permite também que aborde novas questões em função de dúvidas que surgissem no decorrer da entrevista. A entrevista foi realizada com o intuito de conhecer o entendimento das crianças a respeito do *bullying*.

A entrevista foi realizada com auxílio de gravador digital para depois ser feita a tabulação e análise das informações obtidas. A fim de garantir o sigilo da fonte das informações as escolas envolvidas serão representadas pelas letras A e B e os estudantes por números de um a cinco, ou seja, um grupo de investigados ficou representado como sendo de Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 1, nº1, janeiro/junho 2017.– Curso de Pedagogia– UNESC

A1 a A5 e o outro grupo de B1 a B5. Para a apresentação dos dados, será utilizada ora transcrição literal (que será apresentada entre aspas) e transcrição parafraseada.

3.1 Análise dos Dados

Os dados coletados foram organizados em quatro categorias para a realização da análise, quais sejam: o bullying nos espaços sociais; sentimentos e vivências em relação ao bullying; intervenções em situações de bullying; o entendimento do fenômeno bullying.

Na categoria sentimentos e vivências em relação ao bullying, observamos que **A1** afirmou que sofre porque "falam de sua mãe". A **A2** afirmou que sofre porque "as vezes fazem racismo" com ela. A **A3, B2 e B3** apresentaram respostas semelhantes, pois todas afirmaram que sofrem por serem chamadas de gorda e por xingarem suas mães, sendo que a criança **B3** sofreu por que gozavam de sua mãe por ser negra. A **A4** afirmou que sofre porque um menino fala de sua voz por que ela é travada. A **A5** afirmou que sofre quando xingam ela de várias maneiras. A **B1** afirmou que é chamado de careca, mas mesmo assim não sofre. A **B4** afirmou que já sofreu porque foi chamada "de anã de jardim e também de puta e vagabunda". A **B5** afirmou que uma colega o chamou de burro.

Através das respostas das crianças, percebe-se que o *bullying* é um que ato pode ser praticado de diversas maneiras, por meio de palavras ofensivas, xingamentos, preconceito, racismo. Foi possível perceber também que a maioria das crianças sofre o *bullying* através de ataque a seus familiares, por meio de palavras ofensivas contra suas mães.

Investigando o motivo que gerou esse ato de humilhação, agressão ou violência, **A1** afirma que o motivo de falarem de sua mãe é por que ela é casada com outra mulher. **A2, A3, A4, A5 e B1** afirmaram não saber o motivo. A **B2** afirmou que o motivo é por que batiam no seu irmão pequeno que tem problema de coração, batiam no local em que o seu irmão tem problema. Afirmou também que quando o seu irmão ia brigar, eles colocavam a culpa nela a "chamando de tudo" e também a sua família. **B3** não soube responder, mas comentou que começou a ficar quieta, "se escondia nos cantos". **B4** afirmou que o motivo que gerou a situação é "por que estava jogando futebol e também batia neles, chamava eles de veado, filho da puta", às vezes era ela que começava as vezes era eles. A **B5** afirmou que "estava

andando e um colega e uma colega estavam na cacunda e colocou o pé na frente deles, a colega o enticou e o chamou um monte de vezes de burro".

A maioria dos investigados apresenta-se como vítimas, porém a **B4** e **B5** apresentaram com clareza que não são apenas vítimas, pois através de suas falas as mesmas também são causadoras do *bullying*. Foi possível perceber, também, que entre essas crianças há apenas a existência do *bullying* direto, em que o agressor está frente ao agredido realizando o ato de humilhação para o mesmo, por meio de agressões físicas (tapas, chutes, empurrões) ou verbais (por meio de xingamentos, apelidos ofensivos, palavrões). Não foi possível perceber a existência do *bullying* indireto, em que o agressor não está necessariamente de frente ao agredido, onde o ato é realizado por meio de falsos boatos, fofocas, difamações, etc. (CHALITA, 2008).

Compreendendo o modo como as crianças se sentiram ou se sentem ao passar por situações de *bullying*, a **A1** e **A3** afirmaram que se sentem ofendidas, **A2** afirmou que sentiu humilhada e com raiva da pessoa que praticou ao ato de humilhação. **A4** afirmou que se sentiu indefeso. **A5**, **B2**, e **B3** afirmaram que se sentiram tristes, magoadas e humilhadas. Já as crianças **B1** e **B5** afirmaram que não sentiram nada, **B1** afirmou que não se sentiu nem triste e nem magoado e o **B5** afirmou que deixou e também retrucou. A **B4** afirmou que se sentiu triste e também arrependida de ter xingado "eles".

As crianças apresentaram diferentes reações entre si, pois não foram todas que afirmaram sofrer com o ato de *bullying*. Vale reforçar que elas tem direitos, que precisam ser cumpridos, elas tem a obrigação de respeitar e serem respeitadas, não precisam passar por sofrimentos e não devem causar sofrimento aos outros. A lei que afirma que as crianças têm direitos deve ser clara para todos desde a infância, caso contrário, a situação dos agressores ou vítimas pode se tornar pior quando se tornarem maiores e mais difícil de ser rompida.

Sobre terem realizado atos de *bullying*, **A2**, **A3**, **B2** afirmaram que nunca praticaram o ato. A **A1** afirmou que pratica quando ofende uma pessoa chamando ela de gorda e falando mal da mãe dela quando ela fala da sua. A **A4** afirmou que já praticou, quando o "enticavam" ele também os "enticava", quando eles batiam, ele também batia. A **A5** afirmou que pratica chamando as amigas de baixinha e gordinha. A **B1** afirmou que já praticou chamando de gordo. A **B3** afirmou que praticou somente uma vez, quando um

menino havia "enticado" e ela o chamou de dentuço. **B4** afirma que praticou "chamando de peida, batendo no soco e as vezes batendo no recreio". A mesma afirma, também, que tem um colega que ela "garrou nojo da cara dele" e toda vida que ela passa por ele ela bate nele. Afirmou também que brigou com a diretora porque queria jogar futebol, só que por ela não comer, a diretora não a deixava e a levou para a diretoria, momento em que a chamou de filha da puta. A **B5** afirmou que praticou batendo, porque estava com raiva, pois estavam batendo em uma criança pequena, daí perguntou para que estava batendo, "por que não vem bater em mim?", daí a pessoa veio e ele deu um soco na pessoa e esta ficou com falta de ar. Neste questionamento percebe-se que a maioria das crianças já praticou o ato por meio de agressões físicas e verbais.

A cerca dos sentimentos com relação às práticas de atos de bullying em relação aos outros, **A1 e A5** afirmaram que se sentiram mal. A **A2, A3, e B2** afirmaram não saber responder por que nunca praticaram o ato. A **A4** afirmou que, ao mesmo tempo, se sente fazendo uma coisa ruim e ao mesmo tempo se sente fazendo mal. As crianças **B1 e B5** afirmaram se sentir normal, a primeira afirmou se sentir normal chamando de gordo e a segunda afirmou dizendo que foi pra diretoria "e deu", sendo que, depois, a diretora o mandou ir para a sala. A **B3** afirmou ter se sentido uma pessoa má e a **B4** afirmou ter se sentido ruim.

É possível perceber diferentes reações nas crianças que já praticaram *bullying*. As que apresentaram sentimento negativo provavelmente reconhecem que fizeram uma atitude errada, porém as que não apresentaram reação alguma não quiseram reconhecer que o que fizeram é errado. Desta maneira, a escola precisa estar consciente de que existem alunos que praticam o ato com normalidade, por isso a mesma precisa abordar com maior profundidade o assunto na escola e, principalmente, para esses alunos se conscientizarem de que o que fazem é errado, por isso não devem praticar o ato.

Na categoria bullying nos espaços sociais, investigamos se as crianças já presenciaram situações de humilhação, agressão ou violência fora da escola e de que maneira aconteceu, a **A1, A4, A5, e B1** afirmaram nunca ter presenciado um ato de humilhação, agressão ou violência fora da escola. A **A2** afirmou que já presenciou quando estava na casa de seus primos, quando apareceu um cara brigando e batendo neles, daí ela foi tentar separar. A **A3** afirmou que já presenciou na rua de sua casa, chamaram ela de gorda, perguntando

porque não faz um regime. A **B2** afirmou que presenciou, quando ela estava vindo de sua avó e viu uma amiga brigando na rua com outra menina e foi intervir. Logo, as duas foram embora, se não a menina ia bater ainda mais em sua amiga, que já estava com o olho todo roxo. A **B3** afirmou que sim, contando que os seus vizinhos brigaram várias vezes e falavam sua mãe é uma vadia desgraçado. A **B4** afirmou que sim, presenciou duas meninas, elas se bateram fora da escola. A **B5** afirmou que sim, seus pais estavam se brigando, batendo um no outro e seu irmão tentou separar.

Conforme as respostas, cada criança presenciou diferentes situações de *bullying*, esse fato confirma que o *bullying* está presente em qualquer situação da vida e não somente na escola.

Na categoria seguinte, envolvendo intervenções em situações de *bullying*, as crianças **A1, A2, A3, A4, A5, B1, e B2** afirmam nunca terem presenciado alguma intervenção de um professor ou familiar durante uma prática de agressão, humilhação ou violência. A **B3** afirmou que sim, seu tio estava brigando na rua com outro cara, que era amigo do trabalho dele, e sua tia foi separar. A **B4** afirmou que sim, seu pai fez coisa errada e sua mãe não gostou, por isso eles começaram brigar, logo sua mãe foi pra dentro de casa e o seu pai foi pra dar um tapa nela e sua tia separou. A **B5** afirmou que sim, seu pai ia bater em sua mãe de soco e o irmão separou. Nenhuma das crianças afirmou presenciar intervenção de um professor, entretanto, como evidenciado anteriormente, o *bullying* é presente nas unidades escolares e isto nos leva a indagar se a escola não estaria se omitindo em relação a esta situação?

Conforme as falas das crianças, a maioria afirmou nunca ter presenciado uma intervenção de um professor ou familiar. Mas três delas afirmaram que presenciaram situação de agressão com familiares, sendo que no caso da **B4** e **B5** a agressão se deu com os pais e, casualmente ou não, as mesmas são autoras de *bullying* na escola, o que vem a confirmar a ideia de que os alunos que são autores de *bullying* na escola, vivem em lares em que há a presença do ato de violência física (PINHEIRO, WILLIAMS, 2009).

Quando tentamos saber se as crianças já interviram em um ato de agressão, humilhação ou violência e de que maneira, a **A1** e **A5** afirmaram que já interviram se metendo na confusão de outras pessoas. **A1** completou que quando estavam brigando ela se metia, mas para brigar junto e que quando estavam chamando palavrão ela chamava também. **A2** afirmou

que já interviu quando um homem brigou e bateu em seus primos, ela separou a briga. A **A3** afirmou que já interviu quando bateram em sua amiga e em seu irmão, indo até a diretoria falar para a diretora. **A4** afirmou que já interviu quando uma pessoa estava sendo xingada pela outra. **B1 e B5** afirmaram que já presenciaram uma situação, mas não fizeram nada. **B5** afirmou que "viu uma menina enticando a outra no muro, uma colega estava dentro da escola e a outra estava no muro e quando estava no horário da saída as duas se bateram e logo apareceu o irmão de uma das meninas e separou". **B2** afirmou que já interviu em uma briga de sua amiga com outra menina, indo com sua mãe na casa da menina que bateu na amiga para falar com a mãe dela. **B3** afirmou que já interviu quando morava em Porto Alegre, seu pai brigava com sua mãe e um dia ele levantou a mão para dar um tapa nela, momento em que "se meteu na frente e segurou a mão dele para não pegar na mãe". **B4** afirmou que já interviu quando viu duas meninas que estavam jogando futebol brigarem, ela tentou separar dizendo para elas não se baterem, mas elas continuaram a briga.

A maioria das crianças já tentou de alguma maneira, intervir em um ato de *bullying*, com exceção das **A1** e **A5** que pelas suas falas, ainda ajudaram a continuar a briga. **B1** e **B5** afirmaram ter apenas observado uma situação, sem intervir. As que já interviram, apresentaram diferentes situações de intervenção umas das outras, algumas intervenções foram em agressões físicas e outras verbais. Contudo, apenas duas relataram ter buscado o apoio de um adulto frente a presença de situação de *bullying*, o que nos permite dizer que a maioria das crianças agem de forma autônoma e independente, o que pode acontecer devido ao fato de não terem a presença constante de um adulto orientando e supervisionando suas ações. Isto nos leva a indagar a possível existência de uma outra forma de *bullying*: a do abandono.

A última categoria tabulada envolveu o entendimento do fenômeno *bullying*, donde **A1** afirmou não saber o que é *bullying*. **A2** afirmou que *bullying* é tudo que faz uma pessoa se sentir mal. **A3** afirmou que *bullying* é tudo o que ela está falando. **A4** afirmou que sabe, mas não fez nenhum comentário sobre. **A5** afirmou que *bullying* é tudo o que estava sendo lhe perguntado e **B1** afirmou que sabe mais ou menos o que é *bullying*, que seria "chamar os outros por apelidos, bater e fazer mais coisas". **B2** afirmou que *bullying* é "chamar as pessoas de gorda, saco de areia e bujão". **B3** afirmou que *bullying* é chamar coisas que as

peças não gostam. A **B4** afirma que *bullying* "é chamar os outros de alguma coisa, de filha da puta, demônio, e chamar os professores também". **B5** afirmou que *bullying* é "chamar as pessoas de burra e otária".

A maioria das crianças apresentaram diferentes falas em suas definições, mas a maioria traz em suas falas a ideia de que *bullying* "é tudo que faz uma pessoa se sentir mal", e que envolve chamar os outros de alguma coisa que não gostem para lhes ofender. Mesmo que as mesmas tenham apresentado diferentes falas, todas apresentaram respostas semelhantes, envolvendo o bullying direto, verbal e físico.

4 CONCLUSÃO

O bullying é um tema muito amplo por envolver diversas formas de manifestação, podendo ser visualizado em inúmeras situações por meio de agressões físicas, verbais, segregação social, ataques virtuais (conhecido como cyberbullying), etc. Desta maneira, por meio das entrevistas, foi possível perceber que as crianças apresentam um entendimento superficial sobre o tema abordado, pois a maioria delas definiram *bullying* como uma violência verbal, apenas uma citou a agressão física, e duas afirmaram não saberem o que é. Por meio das respostas, é perceptível que a violência verbal é marcada com maior destaque na vida dessas crianças. Cabe ainda salientar, que não ficou evidente nas respostas apresentadas a repetição dos atos de violência, o que é uma das características do bullying, o que nos permite questionar se o que foi relatado pelas crianças investigadas foram realmente situações de bullying, ou meras situações de violência passageira.

As mesmas afirmaram não ter presenciado a intervenção de um professor, e poucas afirmaram ter vivenciado a intervenção de um familiar. Através do primeiro fato, é possível refletir sobre a questão do professor como educador, pois o mesmo precisa estar atento à existência desse problema entre os seus alunos e deve estar preparado para realizar uma atitude que rompa a situação. Tal situação possibilita questionar se o professor realmente não percebe que o problema do *bullying* está presente entre seus alunos, ou o mesmo percebe, mas não quer ou não sabe como agir diante da situação?

A pouca intervenção de adultos frente às situações de *bullying* relatada pelos investigados permite alertar de que o problema pode agravar-se no cotidiano escolar e social, Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 1, nº1, janeiro/junho 2017.– Curso de Pedagogia– UNESC

pois os agressores se sentem mais libertos à prática do ato e, deste modo, torna-se mais difícil rompê-lo.

Poucas crianças admitiram praticar o *bullying* e, estas poucas, são as que afirmaram ter presenciado a intervenção de um familiar durante uma prática de *bullying*. As mesmas afirmaram ter presenciado agressões entre os pais, desta maneira é possível entender que o convívio com a violência pode trazer uma certa segurança para as mesmas praticarem o ato, considerado-o como normal. No caso das crianças que afirmaram nunca terem praticado, é possível entender de duas maneiras: ou elas não quiseram admitir, ou elas consideram que o ato de pronunciar apenas um palavrão ou xingamento praticado uma ou poucas vezes pode não ser considerado uma prática de *bullying*.

Seria interessante que esta pesquisa fosse realizada em escolas de rede estadual e privada, já que esta foi realizada em uma rede municipal, para poder realizar uma comparação, com o intuito de analisar se há diferença no entendimento das crianças de uma rede de ensino para outra, afinal, sabe-se que o *bullying* é um fenômeno universal e que projetos de orientação e de intervenção devem ser organizados e desenvolvidos para evitar a disseminação e o agravamento desta situação que, com certeza, influenciará na vida adulta dos educandos. Se quisermos uma sociedade pacífica, devemos incentivar atitudes de respeito e de solidariedade desde a idade mais tenra dos indivíduos que compõem o todo social.

5 REFERÊNCIAS:

BEAUDOIN, Marie-Nathalie; TAYLOR, Maureen. **Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

CAMARGO, Carolina Giannoni. A violência chamada bullying. **Revista Síntese Direito de Família**, São Paulo, SP, v. 15, n. 79, p.75-88, set. 2013.

CHALITA, Gabriel Benedito Issaac. **Pedagogia da amizade: bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores.** São Paulo: Gente, 2008.

FELIZARDO, Aloma Ribeiro. Bullying, conflito, indisciplina, justiça restaurativa e a cultura da paz: um novo caminho para ser feliz na escola?. **Revista Síntese Direito de Família**, São Paulo, SP, v. 15, n. 79, p.68-74, set. 2013.

GOMES, Luiz Flávio. Bullying: a violência que bulina a juventude. **Revista Síntese Direito de Família**, São Paulo, SP, v. 15, n. 79, p.25, set. 2013.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 1, nº1, janeiro/junho 2017.– Curso de Pedagogia– UNESC

MAGALHÃES GOMES, Marcelo. O bullying e a responsabilidade civil do estabelecimento de ensino privado. **Revista Síntese Direito de Família**, São Paulo, SP, v. 15, n. 79, p.27-67, set. 2013.

JUSBRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10644116/paragrafo-6-artigo-227-da-constituicao-federal-de-1988>>. Acesso em: 13 maio 2016

MIDDELTON-MOZ, Jane; ZAWADSKI, Mary Lee. **Bullying**: estratégias de sobrevivência para crianças e adultos. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PINHEIRO, Fernanda Martins França; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. **Violência intrafamiliar e intimidação entre colegas no ensino fundamental**. Cadernos de Pesquisa, v. 39, n. 138, p. 995-1018, set/dez. 2009.

PINHEIROS. José Mauricio dos Santos. **Da iniciação Científica ao TCC**: Uma abordagem para os cursos de tecnologia. Rio de Janeiro: Moderna, 2010.

QUINTANILHA, Clarissa Moura. **Um olhar exploratório sobre a percepção do professor em relação ao fenômeno bullying**. 2011. 112p. Monografia (Licenciatura em Pedagogia)- Centro de Educação e Humanidades. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SEGUNDO, Luiz Carlos Furquim Vieira; SPERANZA, Henrique de Campos Gurgel. Cyberbullying. **Revista Síntese Direito de Família**, São Paulo, SP, v. 15, n. 81 , p.221-222, set. 2013.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Bullying. **Revista Síntese Direito de Família**, São Paulo, SP, v. 15, n. 79, p.89, set. 2013.

VAZ, José Eduardo Parlato Fonseca. A responsabilidade indenizatória da prática do bullying. **Revista Síntese Direito de Família**, São Paulo, SP, v. 15, n. 79, p.9-24, set. 2013.

ZAINE, Isabela; REIS, Maria de Jesus Dutra dos; PADOVANI, Ricardo da Costa. Comportamentos de bullying e conflito com a lei = Bullying behavior and conflict with the law . **Estudos de Psicologia**, Campinas, SP, v. 27, n. 3 , p.375-382, set. 2010.